



SEXUALIDADE

Darci Vieira da Silva Bonetto

Segundo Franco (2008), sexualidade não se limita a órgãos genitais e ato sexual; é um movimento que permeia o desenvolvimento global do Ser, abrange quem somos e o que somos, como homem e mulher; como nos sentimos a esse respeito; e como lidamos com isso. É a expressão de vida, na qual ocorre um movimento em direção ao prazer e que se manifesta em todas as fases do ciclo vital, desde o nascimento até a morte.

A sexualidade também precisa ser considerada dentro da perspectiva ecológica, isso significa buscar a superação das dicotomias entre cultura e natureza, entre sociedade e individualidade, valores, resgatando os vínculos que estão na base da vivência da sexualidade prazerosa, responsável e ética. É impossível falar de sexualidade, reprodução e vida, deixando de lado o meio ambiente.

O domínio da sexualidade envolve: aprendizagem de papéis sociais e de gênero, reflexão, planejamento, adiamento, construção e consolidação de vínculos, desenvolvimento e expansão da consciência de si e do mundo ao seu redor, desenvolvimento de valores e tomada de decisão (BONETTO, 2007).

Todos os sentidos – tato, paladar, visão, olfato, audição –, emoção e sensação estão relacionados à sexualidade e exercício sexual sadio. Fornecer dados de reprodução e excluir esses elementos é falsificar informação. Essa falsificação vai ajudar a sustentar uma dicotomia entre amor e prazer, romance, ternura, de um lado, e genitalidade, de outro. O que não pode acontecer é falar de reprodução, esquecendo a sensualidade, o erotismo o amor, respeito para consigo mesmo e para com o outro.

A sexualidade precisa ser entendida na sua totalidade, valorizando os aspectos sociais, culturais, afetivos, relacionais e psicológicos nos quais estão inseridos os valores, conceitos e preconceitos das questões de gênero e dos modelos relacionais entre homens e mulheres (PAGNUSSATTI, 2006).

A sexualidade representa um dos eixos organizadores da convivência com o outro e a parte central da construção da nossa identidade. Quanto maior a consciência sobre o que somos e o quanto dependemos da natureza, maior a consciência ecológica que irá reavaliar o quanto está se pagando pela satisfação das necessidades de consumo, levando a uma produção cada vez maior de produtos pouco utilizados.

Ambição e consumismo caminham juntos para deterioração das relações, desigualdade social, e a frustração psicológica da insatisfação gerada pela carência do objeto desejado. A carência se dá no mesmo movimento que se cria o símbolo sexual. Insatisfação é um movimento necessário para que a indústria possa propor novos objetos de consumo. A mídia explora o corpo associado a objetos descartáveis que se vende e faz vender.

Nesse contexto, a sexualidade desponta como instrumento de consumo. O assunto sexo está em revistas especializadas, em publicações diversas destinadas ao público, nas telenovelas, filmes, publicidade, quanto maior a exploração do tema sexual maior a venda do produto. Vendem-se produtos associando-se direta ou indiretamente o consumo à satisfação sexual, e a felicidade. Atletas, modelos, artistas são modelos de virilidade e de desejos que mobilizam afeto, desejos modelando a subjetividade e o comportamento erótico.

Nesse contexto associam-se os objetos de consumo descartáveis, não reaproveitáveis e a degradação ambiental.

IDENTIDADE SEXUAL

A identidade sexual inicia no nascimento; entretanto, é na adolescência que alcança a definição, por meio do aprendizado decorrente dos relacionamentos com ambos os sexos no decorrer da infância adolescência (RIBEIRO, 2006).

O aumento do interesse sexual coincide com o surgimento dos caracteres sexuais secundários. Esse interesse é influenciado pelas profundas alterações hormonais deste período da vida e pelo contexto psicossocial (TAQUETTE, 2008). A sexualidade pode ser definida como um conjunto de fenômenos que permeia todos os aspectos de nossa existência; ela é vista como um fenômeno biológico, que atua como um organizador da identidade do adolescente. O desenvolvimento da

sexualidade está intimamente ligado ao psiquismo. A menarca¹ na mulher e a espermarca² no homem são como um estopim fisiológico a desencadear o processo de aquisição da identidade sexual.

As ansiedades peculiares a esse processo evolutivo têm sua origem habitualmente na preocupação dos adolescentes com as modificações corporais.

A formação da identidade sexual se dá em três níveis:

Biológico: ao nascer com a determinação do sexo biológico, apresenta características que diferenciam os sexos masculinos e femininos. O componente biológico é determinado no momento da fecundação. Segundo as funções biológicas, a mulher pode engravidar dar à luz e amamentar, enquanto o homem somente pode produzir espermatozoide³ e fecundar mulheres. No entanto, nada determina biologicamente que os homens não possam cuidar de filhos e zelar da casa.

Psicológico: a partir de tomada de consciência das diferenças biológicas.

Social: o papel social sexual é uma categoria especial dentro do papel social que cada pessoa interioriza no processo de socialização e se refere ao comportamento específico que essa pessoa vai desempenhar, de acordo com seu sexo biológico, masculino ou feminino; papel sexual é a expressão da masculinidade ou feminilidade de um indivíduo conforme as regras estabelecidas, o indivíduo tem de pertencer ao sexo masculino ou feminino, é a maneira como o indivíduo deve comportar-se em sociedade; varia de acordo com idade e cultura, e nas culturas varia de acordo com os distintos períodos históricos de sua existência.

Identidade sexual é o sentimento que as pessoas têm de sua masculinidade ou feminilidade. A identidade sexual será consolidada com a interação de fatores biológicos, culturais, da história individual, do relacionamento e de valores familiares, do repertório de informações, de vivências sociais, vivências religiosas, entre outros.

Identidade de gênero

A identidade de gênero refere-se ao sentir-se homem ou mulher, com a consciência de pertencer ao sexo masculino ou feminino; é uma convicção pessoal e privada, e dificilmente será modificada durante a vida. A identidade de gênero refere-se a que sexo o indivíduo sente-se pertencendo independentemente de suas características corporais; é sentir-se homem ou mulher, com a consciência de pertencer ao sexo masculino ou feminino. Papel de gênero é a manifestação externa da identidade – trata-se da forma de atuação definida pelo aprendizado dos papéis sexuais que ocorre desde o nascimento, por meio do condicionamento social exercido pela família, escola e comunidade, de forma verbal ou não verbal. O fato de ocorrerem variações de papéis em diferentes culturas prova que os papéis de gênero não são determinados pelo sexo biológico.

A orientação de gênero, por sua vez, pode ser compreendida como a preferência sexual direcionada para o mesmo sexo ou para sexo oposto – o comportamento homossexual ou heterossexual, respectivamente.

A orientação sexual não pode ser a medida do valor de uma pessoa e não deve influenciar o julgamento moral de alguém. O adolescente deve compreender que, independentemente da sua escolha sexual, o mais importante é viver a sexualidade respeitando a si e ao outro.

Homossexualidade

Homossexualidade não é considerada um transtorno psíquico/mental. Portanto, deve ser encarada com respeito e postura isenta de atitudes de preconceito e discriminação.

Na adolescência, vive-se um período crítico quanto a quem se é, e qual o objeto de desejo; é a época das experiências no campo da sexualidade, e a inconstância dos vínculos objetivos que os jovens estabelecem com seus parceiros nem sempre significa tendência à promiscuidade. Na adolescência, as experiências homoafetivas⁴ são comuns, sem que isso represente homossexualidade.

Durante a adolescência, comumente os jovens participam de jogos sexuais com outros jovens do mesmo ou de outro sexo. Isso não se caracteriza como orientação homossexual, já que essa definição ocorrerá ao longo do processo de estabelecimento da identidade.

A preferência homossexual ocasiona grandes conflitos pessoais, e a rejeição social é causa de vultoso sofrimento, que pode potencializar outros problemas como uso de drogas, fracassos escolares e depressão. A denominação opção sexual não é mais cabível, pois sabe-se que é uma questão de orientação-afetivo-sexual, e não de uma escolha planejada, racional e consciente. É um processo bem mais complexo, que inclui fatores psicológicos, sociais, culturais, familiares e genéticos.

MITOS E TABUS

Mitos são explicações, interpretações da realidade que transformam a realidade social em algo natural e aceitável.

Exemplos:

- Mulher é mais frágil do que o homem.
- Sensualidade, doçura e afeto são coisas de mulher.
- Virgindade é sinal de pureza na mulher.
- O homem é um ser dominante por natureza.
- A masculinidade demonstra-se por rudeza, vigor e força física.

- Virilidade demonstra-se pelo maior número de conquistas.
- Homem é menos sensível que mulher.
- Homem não necessita de ternura.

Tabus são proibições absolutas e sagradas cujas transgressões acarretariam grandes castigos. As explicações nem sempre são muito claras. Exemplo: Masturbação entendida como atividade vergonhosa Bezerra (2012). Perda da virgindade fora do casamento – valor social e cultural que determina um comportamento sexual. Mitos e tabus existentes a respeito da sexualidade não podem impedir a prática da educação. MITO SEXUAL é uma explicação equivocada acerca da sexualidade humana, mas que não coincide com a verdade. Os mitos são pautados em informações errôneas, desconhecimento acerca do corpo e de seu funcionamento. Diante da falta de informação científica básica, surgem ideias e explicações no senso comum que, com o passar do tempo, acabam sendo difundidas socialmente como verdades.

TABU SEXUAL está pautado no preconceito e na proibição relacionados a determinados atos ou práticas sexuais. O termo tabu, proveniente do polinésio, significa “sagrado”, “invulnerável”, trazendo a ideia de algo intocável, inviolável. Quanto a sua origem, os tabus são construções de ordem moral, estabelecidos por motivos sociais ou religiosos. Vale ressaltar que os mitos e tabus são construções sociais, que variam de acordo com o momento histórico e a sociedade na qual se originam.

SEXO NA ADOLESCÊNCIA

O desenvolvimento corporal e a eclosão dos instintos sexuais preparam o adolescente para as funções do intercurso genital. Os adultos devem entender que é mais fácil compreender a sexualidade que tentar controlá-la ou proibi-la. O sexo na adolescência não é errado; errada é a forma como ele tem sido experimentado.

Devemos ampliar o conceito de sexo seguro. Sexo seguro é o sexo sem dor, sem trauma, é o sexo afetivo, com responsabilidade, aprendendo a respeitar a si mesmo e ao outro. A sexualidade do adolescente não pode ser estudada fora do entendimento da própria adolescência, como fenômeno social, histórico e pessoal.

FASES DA ADOLESCÊNCIA

Para se entender melhor a sexualidade na adolescência é preciso conhecer as fases da adolescência: primeira etapa da adolescência (10 aos 14 anos), a prática sexual é, de forma geral,

masturbatória e permeada por muita curiosidade sobre o próprio corpo e o de seus iguais. É o momento do conhecimento corporal.

A masturbação (autoerotismo) é importante dentro do processo de aceitação do próprio corpo, da descoberta das sensações genitais físicas de autoconhecimento e autoestima. Contribui para descarga de tensões. Há muitos mitos que ainda perduram em relação a essa prática, entretanto ressaltamos novamente: é mediante o encontro consigo mesmo que o adolescente poderá, quando adulto, estabelecer vínculos mais estáveis, nos quais haverá um reconhecimento do outro e de si mesmo. A masturbação, comum a ambos os sexos, não deve ser proibida e sim orientada, explicando ao adolescente o limite de um comportamento socialmente adequado. As brincadeiras sexuais são permeadas pela curiosidade em relação ao sexo oposto.

A maioria das primeiras experiências sexuais geralmente ocorrem na etapa média (14 aos 17 anos). Há uma grande carga de energia sexual, podendo acontecer a iniciação sexual de forma não protegida. Os relacionamentos são marcados por um comportamento exploratório e autocentrado.

A iniciação sexual é um momento que mobiliza curiosidade, expectativa e angústia quanto a uma série de aspectos, inclusive conflitos em relação à virgindade, especialmente, quando há questões ligadas à religião e a valores familiares. Na etapa tardia (17 aos 20 anos), o desenvolvimento físico está completo.

Os contatos tendem a ser menos autocentrados e apenas exploratórios, e passam a ter uma característica mais relacional, isto é, valorizam-se o vínculo, a intimidade e o compartilhar. Há uma tendência a maior consciência quanto às consequências do comportamento sexual e à necessidade de proteção. O “ficar”, o “rolo”, podem ser resultado de grande ansiedade. A cultura e o grupo social definem regras baseadas em mitos, crenças, conceitos e preconceitos, que podem criar um repertório de informações sobre sexualidade e relacionamentos que favoreçam ou não a dissolução dessa ansiedade em torno das relações afetivas. A prática sexual na adolescência sofre grande influência do grupo de amigos, de fatores emocionais; o desejo de “ser igual”, a curiosidade, a vontade de “entrar” no mundo adulto, sendo “homem” ou “mulher”, são motivações bastante fortes.

Existem diferenças, de forma geral, entre o comportamento sexual de garotos e de garotas. Para as garotas, o componente afetivo costuma ter grande importância; para os garotos, há uma emergência maior no impulso de satisfação imediata. O contato com o outro tem muito mais a característica de busca de autoconhecimento, pois a busca é por si mesmo, pela descoberta do Eu.

Normalmente, durante a adolescência os relacionamentos têm vínculos intensos, porém frágeis. Os adolescentes vivenciam as experiências sexuais de forma imprevisível e, com frequência, desprotegidos quanto à contracepção e prevenção de doenças podendo se tornar um problema

devido à falta de informação, de comunicação entre os familiares, tabus ou mesmo pelo fato de ter medo de assumi-la (CAMARGO, 2009).

As características de comportamento adolescente como onipotência, o mito da invulnerabilidade e a curiosidade sobre a fertilidade contribuem para a prática sexual desprotegida. Mas há de se levar em conta que o comportamento sexual varia de acordo com idade e cultura, e nas culturas variam de acordo com os distintos períodos históricos de sua existência.

VIVÊNCIAS NA ADOLESCÊNCIA

As vivências das diversas, experiências na adolescência desenvolvida de forma individual ou em grupo, pode contribuir para que adolescentes vivenciem a sexualidade e suas relações afetivas de forma satisfatória, criativa e sem riscos, vinculados ao respeito mútuo e sem discriminação de gênero (COSTA, 2012) .

- Busca de identidade é a busca de experiências que possibilitem a descoberta de si mesmo (ABERASTURY, A. & NOBEL, 1991).
Consistem em um processo de busca: com encontros fortuitos, com as paixões repentinas, e transitórias. Neste momento ocorre a redescoberta do próprio corpo, é quando o adolescente percebe uma nova imagem corporal em função das transformações iniciadas na puberdade.
- Busca de uma figura idealizada, consiste na identificação com o outro, que ele gostaria de ser.
- Jogos de sedução, é o meio de conseguir o que deseja com facilidade, e rapidez seja em relação à questão sexual ou não.
- “Ficar” / “Rolo” / Namoro. São relacionamentos sem compromissos, mais frequente na primeira e segunda fase da adolescência.
- Descoberta de papéis sociais e de gênero, o adolescente se percebe como parte de uma coletividade, isso o torna capaz de uma atitude, de um posicionamento e comportamento em relação ao sexo feminino e masculino.
- Conquista de novos espaços sociais. Junto aos seus iguais constituem grupos com os mesmos interesses, tentam infringir normas e limites.
- Aventura. O adolescente vivencia o novo, sem pensar em consequências. No seu pensamento tudo pode. Está sempre em busca de ações estimulantes.

- Projeto de vida. Os projetos de vida muitas vezes precisam de orientação e direcionamento, precisam ser estimulados. Adolescente precisa ter projeto de vida para desenvolvimento sadio.

EDUCAÇÃO SEXUAL E AMBIENTAL

O conceito de educação para a sexualidade é dinâmico; é construído a partir do que os adolescentes trazem; é intimista (sem ser indiscreto) é dialógico⁵, deve servir à ideologia da pessoa.

Diálogo não é conversa formal, não é monólogo; é escuta, é levar o adolescente a refletir e a questionar. A mudança de comportamento só acontece com informação e reflexão.

Educação sexual e ambiental

Sexual: educação voltada para a sexualidade porque não deve ser entendida somente para o controle da natalidade, deve ter um aspecto mais amplo, voltada para o SER.

Ambiental: porque envolve pessoas e meio ambiente numa integração em que o meio ambiente não será degradado dependendo dos valores de cada indivíduo voltado para si e para o outro. Quem ama a si mesmo deseja um mundo melhor para seus descendentes.

É primordial na educação sexual ambiental despertar espírito crítico em relação a valores como: respeito a vida, a natureza, solidariedade, responsabilidade, tolerância, contribuindo para a formação de cidadão que possuem direitos e deveres na sociedade. (SCHEREN, 2004)

A lógica da educação é fazer o trabalho, mediante a busca do conhecimento e da interação com o mundo em que se vive e da noção da importância de suas atitudes. Trabalhar com educação sexual não é fácil; há muitas dificuldades de ordem material e humana, preconceitos, inseguranças, resistência de pais e professores, entre outros fatores, mas são desafios que se devem enfrentar com entusiasmo para que a geração presente e as vindouras possam vivenciar com mais tranquilidade suas experiências e emoções.

ORIENTAÇÃO PARA PROFESSORES

Não confundir informar, aconselhar e orientar.

Informar refere-se a passar unicamente dados, informações, conceitos.

Aconselhar implica influenciar nas decisões do adolescente, posicionando-se em relação àquela que considera ou não mais correta. É uma posição de quem procura convencer de algo,

persuadir, induzir. Orientar aponta para uma posição de ajuda na escolha de opções e visa ao estímulo à autonomia do adolescente. As informações precisam ser claras e úteis no sentido de diminuir a ansiedade, o medo e as fantasias sobre aspectos que possam ser focados de forma objetiva. É essencial que o profissional mostre-se receptivo aos sentimentos do adolescente, que saiba ouvi-lo com seriedade, interesse e compreensão. É importante observar pistas de comportamentos que apontem para contradições, ambivalências e riscos, pois a orientação, nesses momentos, pode ser necessária e útil.

O início, o meio e o final da adolescência são de certa forma etapas distintas, com conflitos distintos, entretanto com um único pano de fundo: a busca de identidade. É necessário orientar a iniciação da atividade sexual, bem como sua continuidade, sempre contextualizando-a no processo de desenvolvimento psicosssexual e motivando os laços afetivos. A elevação da autoestima do adolescente é um fator de grande proteção no exercício da sexualidade. Por meio dela o adolescente poderá estar mais seguro para dizer “sim” e “não” nas diversas situações. Estimular ações de responsabilidade dos adolescentes de ambos os sexos quanto a questões de anticoncepção e prevenção de doenças é fundamental.

Os veículos de informação são fontes de grande influência na formação dos jovens e crianças. Os profissionais da educação devem estar preparados para discutir e orientar pais e adolescentes, tanto com argumentações com base científicas quanto desenvolvendo uma visão crítica dos modelos prontos, mensagens implícitas, estereótipos e idealizações.

Trabalhar o projeto de vida com os adolescentes é fundamental, pois quando estes se percebem tendo perspectiva de futuro com metas, planos e objetivos, ampliam a forma de ver a própria vida e suas responsabilidades. Adolescentes com conflitos emocionais pessoais e familiares apresentam maior risco de prática sexual desprotegida, daí a necessidade de estar atento ao trabalho efetivo com a família, sempre num sentido de integração e resgate do potencial familiar na resolução dos problemas.

É importante ter o cuidado de não assumir uma posição autoritária, discriminatória ou preconceituosa em relação às atitudes do adolescente. Ele precisa ser respeitado e compreendido de uma forma ampla, contextualizada em seu meio e em sua história de vida.

Só assim o profissional poderá ajudá-lo a aumentar a autoestima, o respeito próprio, e muitas vezes a resgatar valores importantes para seu projeto de vida.

Deve-se explicar aos alunos que sexualidade não implica fatalmente o binômio pênis-vagina. Que eles não confundam sexual com genital. A sexualidade é ampla e difusa, e todo corpo humano é erótico e erotizável⁶. A abordagem da sexualidade deve ser imbuída de conhecimentos sólidos isento de ideias preconceituosas, sem mitos ou tabus.

Deve começar o mais cedo possível, deve ser contínua, iniciada no seio da família e complementada na escola e por profissionais de saúde. A maioria dos adolescentes é pouco conscientizada a respeito de sexualidade e reprodução e tem dificuldade de dizer não à atividade sexual ou negociar a prática do sexo seguro. Negar ao adolescente informações sobre sexualidade e sexo seguro não impede o início precoce atividade sexual. Educação sexual de qualidade possibilita ao adolescente a condição de saber qual é o momento apropriado para iniciar uma atividade sexual segura, saudável e prazerosa.

Diante de perguntas sobre sexo:

- Não fique vermelho, sorria.
- Nada de embaraços.
- Responda com informações corretas, sem fantasias.
- Nunca deixe uma pergunta sem resposta.
- Seja sucinto.
- Utilize um vocabulário compreensível.
- Inicie com informações mais simples.
- Nunca seja vulgar.
- Sexo é assunto sério e limpo.
- É preciso investir no processo de educar.

É necessário levar o adolescente a refletir sobre valores, sobre seus potenciais e limites pessoais, sobre a dupla responsabilidade – para consigo e com o outro –, a não se deixar levar pelo estímulo, pela fantasia e pela curiosidade, e ajudá-lo a ter projeto de vida. A sexualidade tende a desenvolver-se por etapas, espontânea e adequadamente, se não houver interferências que provoquem impedimentos, desvios, ou exacerbações. Deve haver compreensão, aceitação, orientação, estímulo, respeito ao ritmo e à velocidade de cada indivíduo, para que se manifeste de forma plena e saudável. A normalidade psicosssexual do indivíduo depende de um sentimento bom de prazer e segurança em abraçar, acariciar e ter contato corporal.

REFERÊNCIAS

- FRANCO, Esmeraldino Jr. **Comportamento de risco para saúde na adolescência**. Caderno Temático. p. 35. 2008. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2327-6.pdf>. Acesso 5 mai
- BONETTO, Darci. V. S. **Sexualidade – programa agrinho 2007**. «RESPEITAR É SER ... Disponível em: <respeitareserhumano.wordpress.com/>. Acesso em 10 mai 2012.

PAGNUSSATTI, Vera Hoff. **Projeto Folhas**. p. 44. 2006. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/814-2.pdf>. Acesso 5 mai 2012.

RIBEIRO, Paulo C.P. **Atenção a saúde do adolescente**. 2006. M.G. Disponível em: <www.fasa.edu.br/images/pdf/Linha_guia_saude_adolescente.pdf>. Acesso em: 3 maio 2012.

TAQUETTE, Syella R. **Sexualidade na Adolescência**. Ministério da Saúde, Ed. M.S., 2008.

BEZERRA, Lucas. **Uma Sexualidade Cercada por Mitos e Tabus**. Disponível em: <<http://psicologobrasilia.com.br/2012/03/uma-sexualidade-cercada-por-mitos-e-tabus/2012>>. Acesso 2 junho 2012.

CAMARGO, Elisana. Á. I., FERRARI, Rosângela A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção **Ciênc. saúde coletiva** v.14 n.3. Rio de Janeiro May/June 2009.

COSTA, O. C. Maria. 1, PESSOA A. L. Clevane 2, et. J Pediatr (Rio J) 2001; 77 (Supl.2): S217-S224: adolescência sexualidade, educação sexual.

ABERASTURY, A. & NOBEL M. **A adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SCHEREN; Nara, J. SCHEREN, Mara A.; A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONTRIBUINDO PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS Morpheus - **Revista Eletrônica em Ciências Humanas** - Ano 05, número 09, 2006 - ISSN 1676-2924 Disponível em: <www.unirio.br/morpheusonline/numero09-2006/scheren.htm>. Acesso em : 12 mai 2012.

M.S. Manual do Multiplicador : adolescente. Ministério da Saúde. Ed. M.S> 1997

SERRÃO, M., BALEEIRO, M.C. **Aprendendo a ser e a conviver** - Fundação Oldebrecht, Salvador Bahia-1999.

DEFINIÇÕES E NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 Menarca – Primeira menstruação.
- 2 Espermarca – Primeira ejaculação.
- 3 Espermatozóide – Célula reprodutora masculina.
- 4 Homoafetiva – Relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo.
- 5 Dialógico – Aquilo que está relacionado ao diálogo, debate, discussão.
- 6 Erotizável – Amor sensual.

